

## **Educação Musical para um novo tempo de esperar: um estudo introdutório sobre o acesso e práticas humanizadoras em educação musical em uma escola de Belém do Pará.**

### **Comunicação**

*Carlos Augusto Pinheiro Souto  
Universidade do Estado do Pará  
carlos.souto@uepa.br*

**Resumo:** A pesquisa, em andamento, investiga o processo de acesso e práticas musicais com estudantes de música em uma escola no bairro do Benguí em Belém/PA. A pesquisa é realizada a partir do Projeto de Extensão “Pacto pela Educação Musical no Pará” - PEMPA/UEPA, que realiza ações musicais em escolas da Rede Municipal. Para a pesquisa, consideramos a abordagem qualitativa e como método a pesquisa-ação. Como aporte teórico dialogaremos com autores e autoras que refletem sobre uma educação humanizadora que resista a processos opressores e, por meio da crítica e consciência de classe, se posiciona e luta por uma sociedade mais justa e fraterna. Fundamentaremos a discussão sobre uma educação comprometida, de forma efetiva, com o ser humano, em todas as suas dimensões a partir de Freire, (1987, 1992, 1996, 2001), Pontual (2019) e Souto (2014, 2022). Nessa perspectiva se situa o presente estudo ampliando o debate sobre uma educação musical marcada por objetivos democráticos, humanizadores, plurais e emancipatórios.

**Palavras-chave:** Educação musical, Projeto de extensão, Esperançar

### **Introdução**

Refletir sobre educação musical, a partir de práticas políticas e humanizadoras, é um permanente desafio. Consideramos isso, porque compreendemos que há uma epistemologia dominante quando se trata de educação musical, propriamente dita. Essa epistemologia, por sua vez, sustenta todo um arcabouço de práticas e discursos que se revelam, por vezes, incompatíveis com a ideia de participação política e práticas humanizadoras. Souto (2022) ressalta que a educação musical “ainda privilegia processos tecnicistas, excludentes e alienantes à realidade social” (p.27).

Demo (2006) ao apresentar alguns questionamentos e exercícios na tentativa de apontar horizontes do confronto com a pobreza política, diz que: “A ideia é para além da teoria, desenvolver iniciativas de visualização pragmática da pobreza política, acrescentando, sempre que possível, estratégias de confronto. (p. 93). O autor, diz o seguinte:

Sendo educação uma das políticas públicas mais relevantes para gerar qualidade política na população, temos nela um dos espaços mais sensíveis, tanto da possível imbecilização quanto da gestação do confronto. Educação de qualidade propicia o saber pensar, a autonomia, a aprendizagem e o conhecimento de teor reconstrutivo político. Quando não tem qualidade, pode ser esquema reprodutivo tacanho, coisa pobre para o pobre. (DEMO, 2006, p. 94).

Compreendemos que a educação musical de qualidade deve propiciar a reflexão permanente, o saber pensar, bem como a crítica que promova processos emancipatórios. A educação musical política e humanizadora conecta sujeitos sociais em torno da música. Essa conexão não está limitada a tempo de aula, ensaio e apresentação. É uma conexão de propósitos que, pela consciência de classe, se organiza para resistir e lutar por uma sociedade mais justa, solidária e fraterna na qual todas e todos vivam com dignidade.

Oliveira (2015) argumenta que:

Uma educação musical humanizadora, ao valorizar o humano, valoriza o diálogo, a opinião do outro, a elaboração coletiva do saber; amplia possibilidades educativas onde todos os sujeitos da prática educativo-musical possam buscar sua autonomia em criar, em produzir cultura, em ouvir o outro, em fecundar ideias, em humanizar-se. (OLIVEIRA, 2015, p. 105)

A presente pesquisa objetiva, portanto, investigar a forma de acesso de crianças e adolescentes ao ensino musical em uma escola da periferia de Belém do Pará, bem como compreender de que forma as práticas musicais realizadas podem contribuir com uma educação musical crítica e emancipatória. Importa enfatizar que a pesquisa é um desdobramento do projeto de extensão “Pacto pela Educação Musical no Pará” – PEMPA, da Universidade do Estado do Pará – UEPA que objetiva implementar a educação musical nas escolas da Rede Municipal de Ensino com vistas a formulação de políticas educacionais para a educação musical.



**A educação musical para um novo tempo de esperar:** um breve ensaio sobre uma educação musical que nasce da esperança e promove novos esperanças

Compreendemos a importância de começar a pesquisa fundamentados na perspectiva do esperar de Paulo Freire. Esse esperar, para Freire (1992), não significa esperar as coisas acontecerem mas se levantar, ir atrás, construir, não desistir! “Esperar é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo”. (FREIRE, 1992, p.110-111). Isso porque, o esperar, embora não transforme o mundo, é fundamental para animar a luta e sustentar a resistência a processos excludentes. Em suas primeiras palavras, Freire já alerta que:

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas, prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. (FREIRE, 1992, p. 5)

Não há, nessa perspectiva, um esperar passivo, quieto, que se acomoda e tolera processos opressores, mas o esperar é movimento permanente, luta incessante e compreensão elevada à segunda potência, de que as ações educativas devem ser constituídas pela criticidade, autonomia e emancipação política. Freire (1992) enfatiza que essa pedagogia da esperança “enquanto necessidade ontológica, precisa ancorar-se na prática”. (p. 5).

Há uma necessidade premente de que educadoras e educadores, em suas práticas pedagógicas, promovam ações permanentes de emancipação. Se pensarmos em uma educação musical para a humanização, não prescindiremos de ações práticas que articulem o pedagógico com o político. Para Freire, “enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera pura, que vira, assim, espera vã.” (p. 5).

O discurso muito presente em contextos educativos conservadores, contudo, é que a escola não é o lugar para essas abordagens, os conteúdos bastam em si, dizem elas/es. Giroux, (1988) defende a ideia de que: “os educadores radicais precisam construir uma linguagem que considere os professores como intelectuais transformadores, a escola como esfera de oposição e a pedagogia radical como uma forma de política cultural” (GIROUX,1988,

p. 8). Alarcão (2011), propõe “uma escola que tenha uma ambição estratégica por oposição a uma escola que não tem visão e não sabe olhar-se no futuro” (p. 89).

Quando tratamos sobre a educação musical, propriamente dita, não podemos perder de vista esses pressupostos, sob pena de potencializarmos processos tecnicistas excludentes que, a partir de epistemologias hegemônicas, invisibilizam outros saberes, fazeres e poderes. O esperar é fundamento na educação musical para a humanização porque nasce da indignação, reage propositivamente e descortina processos inclusivos e libertadores.

Se pensarmos numa educação musical para a humanização, é necessário pensar que vivemos e nos movemos socialmente e nesse mover permanente, somos impelidas e impelidos a nos posicionar politicamente. Não há neutralidade. Para Freire (1979) “O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas águas os homens verdadeiramente comprometidos ficam molhados, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro.” (pg. 22).

É preciso que a educação musical seja, nesse sentido, problematizadora e desveladora. Problematize as questões sociais e desvele processos excludentes. Dito de outra forma, é fundamental que antes de ler a partitura, seja lido o mundo no qual estou inserida e inserido. Souto (2022) argumenta que “quando se lê o mundo e se percebe os diversos contextos de opressão nos quais o povo está inserido, é preciso pensar em uma educação musical que torne os oprimidos protagonistas de suas libertações” (SOUTO, 2022, p. 41).

Uma educação musical para a humanização se fundamenta, portanto, no esperar enquanto permanente resistência e luta. Se compreendermos humanização como dignidade humana, respeito a pluralidade de ideias, solidariedade, tolerância, convivência pacífica e amor ao próximo, perceberemos, de imediato, que todas as nossas ações pedagógico-musicais precisam ser transpostas didaticamente para alcançar esse fim. O esperar na educação musical não encerra na aula, ensaio ou apresentação, mas se capilariza e materializa em novas ações de resistência e luta em favor do ser humano que cotidianamente é excluído do acesso aos bens culturais, é excluído de uma educação de qualidade. Permanentemente é excluído de condições básicas para uma vida com dignidade.

A humanização é voz que se ouve; é ação refletida e reativa ao mesmo tempo que ressignificada a partir dos contextos sociais experienciados. Nesse sentido, pensar em uma

educação musical para humanização significa dar espaço para uma educação que questione seu tempo, que critique os processos educativos e que proponha novas ações emancipatórias por meio da música. Souto (2022) argumenta que há uma dimensão fundamental na educação musical que é questionar seu tempo e seus contextos. (p.21). O autor enfatiza que pela educação musical é possível “desenvolver a crítica social e perceber-se como sujeito social, (p.21). Para tanto, Souto defende que isso acontecerá a partir do momento em que estivermos dispostas e dispostos a “empreender essa ação e desenvolver pesquisas que revelem contextos de exclusão, epistemologias opressoras e abordagens colonialistas que fortalecem o *status quo* dominante, ao mesmo tempo em que reforçam a exclusão e o arbitrário cultural”. (SOUTO 2022, p.21). Queiroz (2017), traz para o debate o fato de que “no que diz respeito ao ensino de música institucionalizado no Brasil, fomos educados sob tal hegemonia” (p.137). Destaca que o resultado disso, são os diversos epistemicídios que constituem-se como assassinatos simbólicos capitaneados pela imposição de uma cultura sobre a outra (p. 137). Uma educação musical para humanização, não apenas questiona esses processos, mas os desafia, se coloca em oposição a eles e, pelo esperar, se move na luta em favor daquelas e daqueles que vivem em permanente processo de opressão.

Com isso, o presente estudo busca compreender a seguinte questão: De que forma o projeto PEMPA pode contribuir para a reflexão e ampliação do debate sobre educação musical e humanização? Sem a pretensão de esgotar a complexidade dessa temática em tão poucas linhas, lançamos para o debate algumas reflexões que articulam saberes, problematizam fazeres e poderes com vistas a uma maior autonomia do sujeito social.

### **Percurso Metodológico da Pesquisa**

A metodologia da presente pesquisa terá abordagem qualitativa. A abordagem qualitativa não está adstrita a representatividade numérica, mas busca aprofundar a compreensão sobre um determinado grupo social. Nessa perspectiva, é importante ressaltar que o pesquisador/a está, intencionalmente, inserido/a no campo de pesquisa, procurando não apenas compreender os fenômenos que ocorrem por ocasião das aulas que são desenvolvidas aos sábados, mas, sobretudo, os fenômenos que ocorrem fora desse contexto. Dessa forma, a abordagem qualitativa, ao buscar compreender o grupo social envolvido na

pesquisa, não o isola em um contexto, mas amplia seu olhar sobre os diversos contextos buscando articulá-los para melhor compreender os sujeitos envolvidos na pesquisa, bem como as relações que estabelecem naquele contexto sociocultural.

Gerhard e Silveira (2009) ressaltam que a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. (p.31). É importante ressaltar que a escolha pela abordagem qualitativa está efetivamente articulada a necessidade premente de compreender para contribuir com a realidade sociocultural investigada. Nesse sentido, não se trata de observar de fora o que ocorre naquele contexto, mas se envolver com a realidade e devolver ao povo os resultados da pesquisa em ações práticas e intencionais. Assim, Boff (1984) argumenta que é fundamental estar inserido no meio popular. (p.31).

A pesquisa-ação será o procedimento de pesquisa para a presente investigação. Para Thiollent (2008), a pesquisa-ação prevê a coleta dos dados e a implementação de ações transformadoras da realidade sociocultural, a partir de um planejamento prévio. (p.18). Dessa forma, a pesquisa-ação se constitui como procedimento fundamental pelo fato de não estar limitada a coletar e analisar dados, mas se propõe, efetivamente, contribuir com os sujeitos envolvidos e o próprio contexto sociocultural. Thiollent (2008), argumenta que a pesquisa-ação é para pesquisadores que “querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a dizer e a fazer. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados” (p. 18).

Para a realização da pesquisa consideramos duas tarefas simultâneas e complementares. A primeira delas será a coleta de dados sobre os sujeitos sociais envolvidos, contexto sociocultural, espaço físico onde as aulas ocorrem, avaliação dos responsáveis em relação as ações desenvolvidas, avaliação da gestão escolar, entre outros dados que fortaleçam a compreensão sobre as ações desenvolvidas. Serão analisados os documentos a partir dos formulários de inscrição nos quais consta o perfil socioeconômico das alunas e alunos, o projeto de extensão institucionalizado pela UEPA, com vistas a compreender sua proposta e objetivos para a escola na qual atua; bem como serão realizadas entrevistas semiestruturadas com os/as responsáveis e corpo diretivo da escola e, ainda, com os professores envolvidos na ação.

Considerando se tratar de uma pesquisa-ação, a segunda tarefa consistirá em, a partir dos dados coletados, elaborar uma proposta para o desenvolvimento das atividades musicais em outras escolas do bairro buscando com isso democratizar o ensino da música na rede municipal de ensino de Belém. Essa segunda etapa será realizada de forma colaborativa com a direção da escola, professores envolvidos e liderança comunitária.

**Educação Musical para um novo tempo de esperar:** discussão e resultados parciais sobre a educação musical em uma escola da periferia de Belém do Pará

O projeto de extensão “Pacto Pela Educação Musical no Pará” – PEMPA foi institucionalizado a partir da Resolução Nº 3920/22-CONSUN, de 23 de Novembro de 2022. De acordo com o projeto apresentado para institucionalização na UEPA, o PEMPA tem por objetivo fortalecer o debate sobre políticas públicas para a educação musical no Pará, com vistas à efetiva implementação da música no currículo escolar. Nessa perspectiva, o projeto consiste em ações que investirão na promoção de espaços de reflexão, diálogo e atividades sobre a educação musical nas escolas de educação básica, escolas de ensino especializado em música, universidades que ofertam o curso de Licenciatura em Música, entre outros territórios educativos, incluindo instituições de atendimento especializado para pessoas com necessidades educativas especiais, projetos sociais desenvolvidos por ONG’s/OSC e desenvolvidos em espaços religiosos, Secretarias de Educação e Conselhos de Educação, possibilitando, assim, a ampliação do debate em torno desse tema, bem como ações objetivas para esse fim.

O projeto foi implementado no dia 26 de novembro de 2022 na Escola de Ensino Infantil e Fundamental – EMEIF Maria Amoras de Oliveira no bairro do Benguí, periferia de Belém. O contato inicial foi feito por uma professora que já havia atuado como diretora da escola e uma funcionária que atua há mais de vinte anos na escola. Ambas servidoras manifestaram seus interesses em desenvolver alguma atividade de educação musical na escola, considerando que naquele contexto não havia a presença de uma educadora ou educador musical.

De acordo com informações preliminares, prestadas pela direção atual, a escola possui duas professoras efetivas com formação em artes sendo que uma delas possui habilitação em artes plásticas e outra em dança. Há, ainda, uma terceira professora que, segundo a diretora da escola, iniciou suas atividades em dezembro de 2022, atua em caráter temporário e é licenciada em educação musical exercendo suas atividades em apenas uma turma de quinto ano na escola.

Embora haja algumas atividades com música, como o canto coral, que se apresenta em programações festivas da escola, não há uma ação mais sistematizada que contemple a educação musical no currículo escolar. Assim, ao saberem sobre o PEMPA, que se propunha desenvolver atividades musicais nas diversas escolas da Rede Municipal de Ensino, as professoras procuraram a coordenação do projeto para que a escola recebesse a referida ação. A partir das tratativas realizadas com a direção escolar, o PEMPA iniciou o seu planejamento estratégico no sentido de atender aquela demanda. Para isso, convidou graduandos do curso de Licenciatura em Música na UEPA que tivessem disponibilidade para atuarem no projeto de extensão aos sábados pela manhã.

No que diz respeito ao período para inscrições, não houve nenhum prazo estabelecido, considerando que a cada nova aula, com o desenvolvimento das atividades, novas crianças chegavam no projeto com seus responsáveis e imediatamente foram inseridas nas aulas. Nesse sentido e, tratando especificamente sobre o acesso democrático ao ensino da música, é importante ressaltar que pela localização estratégica da escola, que se situa no caminho para uma das feiras do bairro, foi comum que alguns responsáveis procurassem os coordenadores e professores do projeto para manifestarem interesse em que suas crianças participassem do projeto. Nesse sentido, importa dizer que o projeto não estabelece um prazo para novas inscrições. A todo momento novas crianças acessam o projeto e participam das aulas juntamente com alunas e alunos que já estão há mais tempo no projeto.

Assim, cabe a educadora ou educador musical a inserção dessas crianças nas atividades propostas. Dessa forma, não se trata de desenvolver um conteúdo rigidamente sistematizado e engessado metodologicamente, mas flexível, capaz de atrair essa nova criança e motivá-la para o retorno ao projeto. Cada aula é uma nova experiência e essas experiências, considerando essa flexibilidade teórico-metodológica, oportunizam que as crianças, há mais



tempo no projeto, revisem alguns conteúdos, bem como auxiliem as novas crianças no aprendizado de um novo saber.

Nessa dinâmica metodológica salta aos olhos de qualquer observador atento, que além das habilidades musicais que são trabalhadas com essas novas crianças que acessaram o projeto, há o desenvolvimento de uma habilidade social fundamental para o convívio social que é a cooperação mútua a partir da qual todos se sentem responsáveis pelo desenvolvimento coletivo e colaborativo.

Entre tantos conteúdos fundamentais para a formação escolar e profissional, a escola precisa incluir em suas práticas diárias o acolhimento e, assim, contribuir, também, para uma formação cidadã em que esse acolhimento seja algo orgânico e não sazonal nas rotinas institucionais. É importante, nessa perspectiva, que a escola compreenda a importância de acolher bem seus alunos, e enxergar suas individualidades, necessidades e opiniões diferentes, o que fazem com que as relações entre todos os participantes se tornem mais fortes. Vale ressaltar, no que diz respeito a educação musical, que a habilidade técnica em um instrumento, a capacidade de decifrar os códigos musicais, a preparação de determinado repertório para a festinha da escola, não podem prescindir dos saberes prévios das/dos alunas/os e nem, tampouco, suas particularidades, interesses e motivações.

Durante as aulas, foi observado que algumas crianças veem para a escola apenas para acompanhar seus irmãos que fazem a escolinha de futebol ofertada aos sábados pela manhã. Contudo, ao se inserirem nas aulas de música, começam a se relacionar com outras crianças e se interessar pelas aulas.

Dessa forma, o projeto vai ganhando capilaridade no bairro a partir da participação de várias famílias. Com isso, outras escolas procuraram a coordenação para desenvolverem a educação musical. Para tanto a coordenação, em parceria com graduandas e graduandos do curso de Licenciatura em Música da UEPA planeja novas ações para as escolas do bairro. A partir da presente pesquisa-ação, será possível compreender o funcionamento do projeto, em sua primeira edição, bem como avaliar e compreender os encaminhamentos teóricos e metodológicos utilizados no que diz respeito a inclusão de crianças e adolescentes durante o desenvolvimento do projeto.



No que diz respeito às práticas musicais é importante, nessas linhas introdutórias da pesquisa, registrar que as atividades iniciam com a reflexão sobre alguma temática social. A temática é trazida pelo professor/pesquisador ou pelas próprias crianças. Nesse sentido, é importante que o professor/pesquisador esteja atento às suas alunas e alunos e a partir de determinado tema gerador possa construir, colaborativamente, as atividades daquela aula. Como exemplo, citamos a palavra “união”. A partir desse tema gerador o professor/pesquisador inicia um diálogo com as crianças com o objetivo de ouvir delas elementos que problematizem o significado da palavra união. As crianças mais extrovertidas começam a se manifestar. Algumas, inclusive, demonstram certo sentimento de rejeição a outra criança que estuda na mesma turma.

Em meio a esse mosaico de argumentos é criado, de forma colaborativa, uma canção que contribua com a ideia de união, fraternidade e cuidado. Entre as canções apresentadas pelo professor/educador, está a canção “Quem sou eu”. Essa canção, foi feita com crianças de uma escola na periferia de Canoas/RS. Ela surgiu num momento de conflito entre duas crianças que discutiam pela posse de um instrumento. Na oportunidade o educador convidou as crianças para refletirem que todas e todos somos irmãos e não devemos agir de forma violenta com nossas/os irmãs/ãos. De forma colaborativa criaram a seguinte canção abaixo, cuja letra diz o seguinte:

Quem sou eu ?  
Quem és tu?  
Somos irmãos  
Sou eu e tu! ( 2x)  
Vou cuidar de você  
Juntas e juntos Vamos crescer  
E depois nos encontrar  
Para a vida celebrar

**Figura 1:** Partitura da Canção “Quem sou eu”

Flauta Doce

**Quem Sou Eu?**

Augusto Souto

quem sou eu? quem és tu? so mos ir mãos sou  
eu e tu. quem sou eu? quem és tu?  
so mos ir mãos sou eu e tu. vou cui dar  
de vo cê jun tas e jun tos va mos cres cer  
e de pois nos en con trar pa ra a vi da  
ce le brar

Fonte: Arquivo pessoal

A obra foi executada várias vezes com as crianças por meio do canto e flauta doce. As crianças entre oito e dez anos faziam a melodia na flauta e as menores cantavam. Foi comum, a cada encontro, elas cantarem a primeira frase da canção acompanhada de uma abraço no professor. A mesma metodologia e mesma canção foi utilizada no projeto PEMPA em Belém do Pará e, atualmente, compõe o repertório de músicas executadas. Além dessa canção, outras canções são criadas colaborativamente. A ideia central dessa metodologia é criar canções que oportunizem a reflexão sobre temáticas sociais fundamentais que sejam tratadas de forma crítica pelas crianças. Por natureza, a criança é uma filósofa. Ela questiona, discorda e problematiza. A educação musical precisa criar espaços para expandir a criticidade da criança. Nesse sentido, não é apenas ensinar música ou ensinar a tocar, mas, ao aprender música e aprender um instrumento musical, aprender, sobretudo, a viver compreendendo o contexto social que está inserida. Perissé (2017), ressalta que

Todas as crianças são criativas, todas são capazes de exercer, no futuro, algum tipo de liderança, todas as crianças são pesquisadoras em potencial, todas são pequenos filósofos e teólogos, todas são capazes de inventar coisas e histórias, de tocar um instrumento musical, de praticar um esporte, de conhecer outros idiomas, todas as crianças são um universo de possibilidades. (PERISSÉ, 2017, p. 19)

Essa opção metodológica se constitui como oportunidade real de uma transposição pedagógica para política. Isso porque, as canções tem possibilitado a problematização de determinado tema social, ao mesmo tempo que garante a ação pedagógico-musical propriamente dita. Dito de outra forma, as crianças aprendem música, ao mesmo tempo que desenvolvem o pensamento crítico sobre a realidade na qual estão inseridas.

### **Considerações Parciais**

Considerando que a presente pesquisa-ação é desenvolvida na vigência do Projeto de extensão PEMPA, até o ano de 2025, compreendemos que há um vasto campo a ser pesquisado. Contudo, nessa primeira etapa da pesquisa, podemos ressaltar que o PEMPA tem atuado em uma escola da Rede Municipal de Belém localizada na periferia da cidade. As ações ocorrem nas manhã de sábado e envolvem em trono de cinco pessoas, entre coordenadores, professores e servidores que auxiliam nas refeições.

Nas observações realizadas, foi comum ouvir das crianças questões, como: quando a gente vai se apresentar de novo? A gente vai tocar em outro lugar? Todos vão tocar de novo? Há, uma valorização no se apresentar para a comunidade. De igual forma, os responsáveis, questionam sobre as apresentações e mostram-se empolgadas e empolgados em perceberem que as filhas e os filhos estão desenvolvendo uma habilidade artística e estão apresentando essas habilidades na comunidade onde estão inseridas e inseridos. Hikiji (2006), ao tratar sobre o projeto Guri, resalta que essas apresentações, por um lado, constituem-se como “vitrine que exhibe o projeto e seus atores, fixando sua identidade. (p. 160).

Da mesma forma podemos compreender as apresentações realizadas na escola pelo PEMPA. As apresentações são momentos de compartilhamentos de habilidades musicais e encontros com sujeitos sociais que estão inseridos/as no mesmo contexto sociocultural. A periferia nesse momento torna-se o centro para onde migram professores universitários, graduandos/as, representantes do poder público municipal, entre outros.



No que diz respeito às práticas musicais destacamos o esforço do educador em fazer transposições didáticas, buscando a translação do conhecimento com vistas a problematizar questões sociais. Essa translação do conhecimento, numa primeira observação tem possibilitado que as crianças e adolescentes reflitam, problematizem e critiquem temas sociais. Com isso, para além do processo de musicalização, há o desenvolvimento de uma habilidade crítica e da capacidade de problematizar questões que ocorrem frequentemente no nosso dia a dia.

Os temas são diversos e as crianças revelam-se capazes de discutir essas questões. Ao executarem uma determinada canção, que foi criada de forma colaborativa, as crianças não só interpretam a obra, mas revelam suas compreensões a partir da leitura que fizeram do meio em que estão inseridas. Há, dessa forma, não apenas uma interpretação musical, mas uma interpretação da vida, da sociedade e delas próprias enquanto sujeitos sociais.

A presente pesquisa-ação envolveu, de forma colaborativa, vários interlocutores, como professores, equipe diretiva da escola, lideranças comunitárias e representantes da Secretaria Municipal de Educação que apontaram para novos encaminhamentos a partir da expansão do PEMPA para outras escolas do bairro. Nessa perspectiva, por fim, retomamos o termo esperançar como fundamento para novas ações que já decorrem a partir do PEMPA e desvelam novas possibilidades para a educação musical na Educação Básica.

## Referências

ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez, 2011.

BOFF, Clodovis. *Como trabalhar com o povo*. Petrópolis. Vozes. 1986.

DEMO, Pedro. *Pobreza Política: a pobreza mais intensa da pobreza brasileira*. São Paulo: Armazem do Ipê (Autores Associados), 2006.

OLIVEIRA, Pedro A. D. *Educação Musical na infância e humanização: uma experiência a partir do ensino coletivo de música*. in PEDERIVA, Patrícia Lima Martins e ARAÚJO MARTINEZ, Andréia Pereira de. *A Escola e a Educação estética*. Curitiba: CRV. 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.



HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. *A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_, *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_, *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GIROUX, Henry. *A escola crítica e a política cultural*. São Paulo: Cortez, 1988.

PERISSÉ, Gabriel. *Pedagogia do encontro*. São Paulo: Eureka, 2017.

PONTUAL, Pedro de Carvalho. *Educação popular e participação social: desafios e propostas para hoje*. in CÁSSIO, Fernando. (Org) *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 159-164.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. *REVISTA DA ABEM*: Londrina, v.25. n.39 - 132-159, 2017.

SOUTO, C. A. P. *Projeto Trilhos Sonoros : um projeto social ou o esboço de uma nova forma de igreja para a periferia?* Tear Online: liturgia em revista, São Leopoldo, v.3, n.2, p.81-93, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/view/2361/2286>>

SOUTO, C. A. P. *Educação musical popular e participação social: desafios para uma educação afetiva e engajada*. In: SOUTO, C. A. P. AIRES, Jociléia de Lima, ARRAES, Jonas Monteiro. (orgs). *Educação Musical: reflexões políticas e saberes em diálogo por meio do ensino, pesquisa e extensão*. 1a ed. Curitiba: Appris, 2022.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: CORTEZ, 2008.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ. Conselho Universitário. Resolução Nº 3920/22-CONSUN, de 23 de Novembro de 2022. Aprova a Institucionalização do Projeto de Extensão: Pacto pela Educação Musical no Pará – PEMPA, 2022.

